Castanhão na saga do herói

J. C. ALENCAR ARARIPE (*)

A memória de Tristão Gonçalves e o Açude Castanhão: o enunciado pode até sugerir uma idéia diferente do propósito que anima o Instituto do Ceará e a mim, pessoalmente. Impõem-se, pois, explicações.

Não aceso dos debates em torno do Castanhão escrevi um trabalho dividido em três capítulos: I - Da lenda do cavalo à polêmica do açude; II - Clima, educação e capricho do rio; III - Barragem ciclópica na saga do herói.

Ao enfocar o momentoso assunto, o jornalista buscava a paz da consciência profissional. Ao longo de prolongada atuação na imprensa, identificara-me, íntima e proficuamente, com a luta contra a seca, reconhecendo na açudagem um indispensável instrumento para vitalizar a natureza estiolada pela falta ou irregularidade, mais esta do que aquela, da chuva salvadora. Por que omitir-me quando se cogitava da maior e mais custosa empresa no gênero com o aceno de colheita de frutos opimos?

"Uma barragem, das proporções desta de que tanto se fala - fiz questão de frisar -, atingirá muita gente, no bolso, nas suas posses, como nos sentimentos enraizados de amor a um pedaço de terra e de respeito aos seus ancestrais, cujos restos mortais estão espalhados pela região a ser coberta pelas águas. Sentimentalismo? Sim, respeitemo-lo pelo menos, porque constitui uma das manifestações nobres do caráter".

Empreendimento, como este em perspectiva, será de extraordinária repercussão econômica e social. Não há como detê-lo a não ser por motivos técnicos de força maior. Tem sido assim no Brasil e noutras partes do mundo.

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Conteve-se o Egito em Assuan, que atravessa o Vale do Nilo, porque seriam cobertas pelas águas templos egípcios e romanos? Estava em jogo a formação de um lago de 1.940hm2, com capacidade para irrigar 800.000 ha e produzir mais de 6 milhões de quilowatt. O resgate do tesouro arquitetônico ficou a cargo da UNESCO.

Na convergência das linhas divisórias de Mato Grosso-Paraguai, Paraná-Mato Grosso e Paraná-Paraguai, existia, no Rio Paraná, o belíssimo Salto de Sete Quedas, uma riqueza turística de permanente valor e atração. Com Itaipu, o Salto de Sete Quedas desapareceu. O que seria hoje do Brasil, em termos de geração de energia, não fosse a colossal hidrelétrica?

Quando o Imperador Pedro II, atravessaando ínvios caminhos, quedou-se extasiado diante da cachoeira de Paulo Afonso, teve uma atitude que todo brasileiro repetiu, ao longo do tempo, ante o imponente espetáculo. Contemplei-a embevecido na sua explosão natural, tal como Delmiro Gouveia a encontrou e dela retirou a energia para mover uma fábrica de linha e servir luz e água ao vilarejo de Pedra. Revia-a vezes inúmeras, transfigurada a majestosa catadupa na subjetividade dos cavalos-força que moviam turbinas.

A "Folha de S. Paulo" ocupou-se, faz pouco, da situação do açude Cocorobó, no semi-árido baiano, em decorrência da prolongada estiagem. Lembrou, então, que o reservatório cobriu Canudos, onde fora Bello Monte, fundada por Antônio Conselheiro. Como o nível das águas baixou 15 metros, ficaram a descoberto várias ruínas, entre elas, as da Igreja Nova, o móvel imediato do sangrento conflito que tomou nome de Guerra de Canudos. Impunha-se o açude Cocorobó? Não se obstaculizou a sua construção a pretexto de proteger um sítio histórico. O estorricado sertão baiano reclamava o reservatório para dessedentar o povo e os rebanhos e permitir a irrigação, que ensejaria o florescimento de culturas que são riqueza e bem-estar. A memória ficaria sob auspícios da Universidade do Estado da Bahia, com o Centro de Estudos Euclydes da Cunha, Parque Estadual de Canudos e museu, que guarda objetos da guerra achados pelos narradores.

Para mim, a mais séria objeção à barragem do Castanhão, destinada a armazenar sete bilhões de metros cúbicos d'água, era a relativa a incapacidade da bacia hidrográfica de assegurar o seu

enchimento com regularidade. Estudo de simulação hidrológica comprovava a procedência do questionamento. Porque o Castanhão represará o Jaguaribe, que é um rio intermitente, mesmo depois de receber o Salgado, seu principal tributário; há anos em que escorre pouca água em seu leito; nos bons invernos, é uma caudal impetuosa. Pairava o perigo de investirmos somas altíssimas num monumental "Cedro".

A tese do rio intermitente já não é o dilema terrível que me parecia, porque o canal do São Francisco garantirá ao Castanhão a perenidade do abastecimento. Foi lançada a pedra fundamental da barragem, trabalha-se no canteiro de obras. Agora, é tocá-las para frente, assistir as populações que serão deslocadas, zelar pela fiel execução do projeto da Nova Jaguaribara, cuidar da memória histórica naquilo que incumbe resguardar.

Interessa-nos o Castanhão como um todo. Outra não poderia ser o posicionamento do Instituto do Ceará, pelas suas dimensões históricas, geográficas e antropológicas. Conhecemos, porém, nossas limitações, e não queremos entrar em seara onde se plantaram iniciativas apropriadas e já em desenvolvimento. Investimos na memória de Tristão Gonçalves.

Na crônica dos movimentos revolucionários do Ceará, há espaço de especial relevo para Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Porque a sua figura se projeta detentora de qualidades que sensibilizam o observador, atento e descompromissado: idealismo, bravura pessoal, acendrado nacionalismo, a liberdade como apanágio da vida.

A sua estréia no palco rebelionário foi na Revolução de 1817. Sofreu com a família, amargo revés, curtiu anos seguidos de prisão, que não lhe quebrantou o ânimo. Deu-lhe, ao contrário, a ele e a outros, a oportunidade que não desperdiçou de ilustração no convívio com Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, sedicioso como ele, que transformou as celas da Bahia em salas de aula de ciências sociais e filosóficas.

De volta à terra natal, abraça ardorosamente a causa da Independência. Como lugar-tenente de Pereira Filgueiras, nomeado comandante geral, é um dos mais diligentes e arrebatados na

arregimentação das forças que iriam ao Piauí e Maranhão para libertar essas províncias do domínio português.

O regresso das tropas vitoriosas encheu de intensa vibração vilas e lugarejos por onde passavam. Filgueiras e Tristão deixaram-se contagiar do entusiasmo nacionalista e entenderam que era chegada a hora de empolgar o poder. Insurgiram-se contra a dissolução da Constituinte pelo Imperador, apearam do governo o preposto de Pedro I para a Presidência da Província. Não demoraria que se consumasse a adesão à Confederação do Equador, bandeira da insurgência republicana desfraldada em Pernambuco.

Abraçar o nacionalismo sob o pálio imperial de Pedro I era uma coisa; exercitá-lo em desafio à coroa era outra bastante diferente e temerária. O partido português tinha peso, sobretudo econômico, os imperiais contavam maioria, o republicanismo desfalecia na hora do confronto. Mas esta não é ocasião para aprofundar apreciações sobre a Confederação do Equador, suas causas e conseqüências e os ideais que a encorajaram e a animaram.

No centenário da morte trágica do seu presidente no Ceará, houve celebrações expressivas, em Fortaleza e Santa Rosa, depois Jaguaribara. Em sessão solene, no Teatro José de Alencar, promovida pelo Instituto do Ceará, o seu presidente, Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, teve estas palavras oraculares:

"O sentimento de solidariedade humana impõe-nos o penoso dever de evocar a memória das grandes vítimas das ilusões políticas, como lição aos pósteros.

"Certo faltou a Tristão, a Mororó e a Caneca o senso prático calculista e oportuno do estadista; mas ninguém lhes pode recusar a lealdade, abnegação, civismo e nobre heroísmo de preferirem a morte, honrando um ideário político, a se submeterem, quais trânsfugas humilhados, à sorte adversa, a serem jungidos, como em Roma, ao carro triunfador.

"A filosofia da história pode condenar a precipitação dos movimentos que sucumbem, mas a consciência humana glorifica a sinceridade e coerência dos lutadores infelizes.

"Honremos neles o caráter, que é a fidelidade e o sacrifício à causa vencida".

É nesse sentido que se posiciona, hoje, o Instituto do Ceará.

O desfecho da Confederação do Equador era previsível, em Pernambuco e aqui, diante da repressão bem-sucedida das forças imperiais. Foi quando o Comendador José Antônio Machado sugeriu a Tristão que fosse para os Estados Unidos. E pôs à sua disposição dois navios que recebiam carga, um deles em Acaraú. Tristão não aceitou.

Manuel de Carvalho Paes de Andrade, o chefe revoltoso de Pernambuco, fugiu na corveta inglesa "Tweed" e dez anos depois foi senador, no período regencial, eleito pela Paraíba e escolhido pela Carta Imperial de 1834.

Cruz Filho, em "História do Ceará", afirma: "Como o sacrifício de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, porventura o vulto mais varonil e belo da história cearense, exalou o derradeiro alento, no Ceará, a malfadada Confederação do Equador".

Consultem-se estudiosos como Paulino Nogueira, Raimundo Girão, Eusébio de Sousa, Irineu Pinheiro, Gustavo Barroso, Espiridião de Queiroz Lima e José Aurélio Câmara. De todos eles ganha Tristão referências que abonam a auréola com que chegou à posteridade.

Em 1833, quando a Regência, em nome do Imperador, como assinala o Barão de Studart, concedeu à viúva de Tristão pensão anual, no decreto respectivo deu ao mártir de Santa Rosa o cognome de benemérito, e que o ato foi assinado tomando em consideração "os relevantes serviços por ele prestados com singular patriotismo a bem da liberdade e independência do Império em diferentes províncias dele com total prejuízo da sua fazenda e último sacrifício de sua pessoa".

Cem anos decorridos do trucidamento de Tristão, a poucos quilômetros de Santa Rosa, foi inaugurado um marco e nele afixada placa de bronze, com a seguinte inscrição: "Neste local sucumbiu Tristão Gonçalves d' Alencar Araripe, o heróico Presidente da Confederação do Equador no Ceará - 31 de outubro de 1824 - Homenagem do Instituto do Ceará - 31 - X - 1924".

Jaguaribara não se descuidou do culto ao herói-mártir, lembrado no nome da praça central e no marco erguido no lugar em que tombou o bravo nacionalista e republicano, que procurava

escapar à perseguição de forças imperiais e juntar-se ao exército de Pereira Filgueiras, em manobras no sul da Província. Todos os anos, a 31 de outubro, há romaria de estudantes à fazenda onde se localiza o marco, distante cerca de três quilômetros de Jaguaribara, e pertencente à família Medeiros.

Devemos resguardar a memória histórica na situação que se criará com a barragem ciclópica. Há quem pretenda batizá-la de Tristão Gonçalves, uma legenda, sugestões apontam no sentido de inserir-se a homenagem em logradouro da Nova Jaguaribara, recompondo-se o marco com a placa do Instituto do Ceará. Não são indicações excludentes.

Tristão de Alencar Araripe, filho de Tristão Gonçalves e um dos luzeiros da família, com passagem brilhante pelos três poderes, sentenciou: "Nada excita tanto o esforço do homem para o bem como a recordação das nobres ações dos seus maiores. Suprima-se o exemplo do passado, e teremos a humanidade sempre no berço da infância, sempre no jogos pueris, falta do poderosíssimo auxílio da experiência. Vendo quanto obraram os nossos antecessores, conheceremos a quanto estamos obrigados."

A barragem do Castanhão e Nova Jaguaribara - lembremo-nos - formarão um pólo turístico que levará ao sertão central levas de curiosos desvendadores das nossas potencialidades e ansiosos desfrutadores do lazer em cenários rústicos. Bom que não lhes falte o ornamento histórico protagonizado por personalidade que fascina na saga do herói.